

Egreja de Santa Cruz, em Braga

Foi fundado este magestoso templo pelos annos de 1635. Occupava então a cadeira primacial da sé de Braga o sabio arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que, pouco depois, foi transferido para a diocese de Lisboa, onde tambem resplandeceu em virtudes, immortalisando-se ao mesmo tempo por muitos e bons serviços prestados ás letras e á restauração da independencia de Portugal.

Todas as despezas de construcção foram feitas á custa de esmolas dos devotos, avultando entre estas

as que o dito prelado offereceu. Quem vê este grandioso templo, e considera que foi fabricado em uma terra interior de provincia, que, na epocha da fundação, apenas contava uns doze mil habitantes, parecer-lhe-ha impossivel que se começasse e levasse a cabo similhante obra sómente por meio de esmolas populares, e sem ser necessario uma grande somma de annos para o seu acabamento. Entretanto, é certo que por este modo se levantaram em o nosso paiz muitos outros edificios religiosos de egual vulto, e alguns muito mais vastos e mais ricos, como o convento e egreja de S. Francisco da Cidade, em Lisboa, ao qual, pela grandeza do edificio, muita gente e varios escriptores chamaram *cidade de S. Francisco*.

Não falta hoje quem lamente que se dispendesse tanto dinheiro improductivamente, isto é, sem utilidade do desenvolvimento economico do paiz. Todavia, foi a esse espirito de devoção e liberalidade, que sempre animou o povo portuguez, que esta boa terra de Portugal deve ter conservado algum movimento artistico durante tantos periodos calamitosos que atravessou.

N'essa longa e tristissima quadra da dominação de Castella, em que os nossos oppressores tão sómente pensavam em nos empobrecer e quebrar as forças physicas e moraes, procurando com estudada politica arredar do paiz os seus filhos mais benemeritos, e attrahir a Madrid os seus artistas mais distinctos, onde achariam emprego e protecção as bellas artes, se o espirito religioso do nosso povo as não convidasse a miudo para erigirem e ornamentarem novas casas de oração?

As bellas artes retrogradaram muito entre nós n'esse fatal periodo de sessenta annos, mas definhar-se-hiam inteiramente sem aquelle emprego e protecção, unico amparo que lhes permittiam as desgraças publicas e os proprios costumes nacionaes, que, por sua singeleza e habitos economicos, repelliam o luxo quer do exterior, quer do interior das habitações particulares.

Por estas razões devem taes templos inspirar-nos verdadeiro interesse, além d'aquelle que lhes provém da religião. A egreja de Santa Cruz, de Braga, está exactamente n'este caso. Fundada durante a usurpação de Castella, ao passo que deu trabalho aos artistas quando este mais lhes escasseava, por coincidir esta fundação com os maiores rigores da tyrannia de Filippe IV, mostra-nos hoje o estado em que se achavam as artes na cidade de Braga no ultimo periodo do dominio castelhano, e nos primeiros annos do reinado del-rei D. João IV.

Quem comparar a frontaria da egreja de Santa Cruz com a fachada do templo do Santissimo Sacramento, que pertenceu ao convento dos paulistas, e agora é a parochia de Santa Catharina de Lisboa, conhecerá a razão por que referimos aquelle estado das artes apenas a uma cidade, e não ao paiz.

N'aquella comparação ganhará muito a primeira, certamente, quer na elegancia das fórmas geraes, quer no luxo e brincado da ornamentação. Em quanto esta revela certo desassombro nas regiões do poder, e vida prazenteira nos artistas, a segunda, começada durante a construcção d'aquella, patenteia, no seu estilo pesado e na sua desengraçada singeleza, os horisontes anuviados da politica, os males passados e os sacrificios presentes, em fim, a tristeza dos artistas e a prostração das artes.

Entretanto, explica-se muito bem esta differença entre Braga e o resto do paiz. Na cidade primaz não se fez sentir a tyrannia de Castella com tanto rigor como no restante de Portugal, graças á circunstancia de ser governada no espiritual e no temporal pelos arcebispos, senhores da cidade, e que, por seu grande poder e influencia, bem como pelo saber e gravidade de suas pessoas, foram sempre respeitados pelos tres Filippes de Hespanha, reis intrusos de Portugal. A isto, que em taes circunstancias não é pouco, accrescentaremos ainda, que a mitra bracharense era a mais rica de todas as que havia na monarchia portugueza, e que os seus prelados dispendiam os immensos rendimentos d'ella em actos e instituições de beneficencia, na edificação de templos, e em diversas obras publicas para adorno da cidade e maior commodidade dos moradores, como temos observado em outros numeros do *Archivo*.

Se tantas e tão graves causas de decadencia geral obstaram a que os arcebispos de Braga lograssem fazer prosperar e florescer as artes na sua cidade, é fóra de dúvida, porém, que conseguiram impedir de alguma maneira que retrogradassem tanto como no resto do paiz. Especialmente a architectura, a esculptura em pedra, madeira, metaes e marfim, encontraram sempre impulso e incentivo no animo liberal e emprehendedor dos arcebispos primazes. É a isto, em nossa opinião, que os bracharenses devem o genio ou tendencias artisticas que ainda hoje os distinguem de todas as mais povoações do reino.

Todavia, se a cidade de Braga não acompanhou o paiz na decadencia das artes, é innegavel que não se subtrahiu, nem podia eximir-se á influencia perniciosa das causas geraes que produziram aquella decadencia, a par da corrupção do gosto artistico. D'esta asserção tambem é prova a mesma frontaria da egreja de Santa Cruz. As quatro columnas doricas que adornam a parte inferior do corpo central não disfarçam o defeito d'aquellas tres portas, tão pequenas e desengraçadas; nem as quatro pilastras jonicas que lhes ficam superiores, com todas as esculpturas que entre ellas resaltam da parede, podem attenuar o mau effeito produzido pelas pequeninas aberturas envidraçadas, que mais parecem frestas da escada para as torres, que as janellas principaes do templo. Outro tanto diremos do frontão relativamente ao oculo.

O interior da egreja não tem magnificencia para nós, filhos das provincias do sul do reino, onde os marmores de côres vivas e superficie lustrosa fazem o mais bello ornamento dos templos. Comtudo, este de que nos occupâmos é notavel pela sua grandeza e aceio, e pelas ricas alfaias que decoram as capellas.

Tem sete capellas com a principal, todas consagradas aos passos da Paixão de Jesus Christo. No altar-mór está a imagem de Christo crucificado, tendo á direita a Virgem Maria e á esquerda S. João Evangelista, todas de vulto. Do lado do evangelho acham-se as capellas do *Senhor com a cruz ás costas;* da *Coroação dos espinhos;* e do *Senhor no horto:* e do lado da epistola as de *Nossa Senhora das Angustias* ao pé de seu Santissimo Filho, arrastando sua pesada cruz; a do *Ecce Homo;* e a de *Jesus preso á columna*. Todas estas capellas estão guarnecidas com obra de talha doirada de primoroso lavor.

É administrada e servida esta egreja por uma numerosa e rica irmandade, que paga a doze capellães para rezarem no côro quotidianamente, e para celebrarem as solemnidades religiosas, que ahi se fazem com grande esplendor. Possue esta confraria avultados rendimentos, que recebe parte em dinheiro, e outra parte em cereaes. Porém, como estes bens são provenientes de legados dos irmãos, estão onerados com pesados encargos. No meiado do seculo passado era obrigada a irmandade a mandar dizer annualmente, por alma dos irmãos fallecidos, mais de nove mil missas. Não sabemos a quanto sóbe na actualidade o numero dos suffragios, mas bem se deve suppor que terá augmentado consideravelmente, attendendo-se ao costume que ainda hoje se conserva n'aquella cidade, entre as pessoas ricas, de legarem bens de raiz, ou dinheiro, ás confrarias para suffragios annuaes.

A egreja de Santa Cruz está situada no *campo dos Remedios*, em frente do *convento de Nossa Senhora da Piedade*, que principiou por um recolhimento, e que D. Fr. André de Torquemada, andaluz, e bispo de Dume, erigiu em clausura de religiosas da ordem terceira de S. Francisco, no anno de 1547.

N'este mesmo campo fica o bello edificio do hospital de S. Marcos, do qual tratámos, bem como do dito campo e convento, a pag. 265 do vol. VII.

A nossa gravura, que honra os dois artistas que a executaram, é cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra. Vê-se n'ella um cunhal e tres janellas do convento de Nossa Senhora da Piedade. Na gravura publicada no volume e paginas acima citados, descobre-se a um lado o frontispicio d'este convento, e ao outro a escadaria do adro da egreja de Santa Cruz.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O EMBUSTEIRO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

(Conclusão. Vid. pag. 98)

III

Oito dias depois da chegada do sr. visconde de Sete Castellos a Tomillar, os tomilharenses estavam que podiam estalar de orgulho e prazer.

O viajante, que era homem riquissimo e de illimitada influencia, não só junto do governo, senão tambem dentro do paço dos reis, estava decidido a proteger Tomillar, de modo que aquella pobre e esquecida aldeia fosse dentro de pouco tempo uma das povoações mais prosperas e invejadas de Alcarria.

O sr. visconde de Sete Castellos, agradecido á franca e leal hospitalidade que encontrára n'aquella aldeia, e encantado pelas vantajosas condições que Tomillar reunia, para a caça e para a industria principalmente, estava resolvido a alcançar-lhe nada menos que os seguintes beneficios:

Que passasse por alli o caminho de ferro de Soria, ou, quando menos, se désse aos tomilharenses um ramal d'esse caminho, de que se tornavam credores;

Que se declarasse Tomillar cabeça de comarca, se porventura não se conseguisse tirar a Guadalajara a qualidade de capital de provincia;

Que se perdoassem ao povo de Tomillar as contribuições atrazadas;

Que se fundaria em Tomillar, por conta do mesmo opulento visconde de Sete Castellos, uma grande fabrica de pannos e outros tecidos, com todos os melhoramentos introduzidos n'esta industria, a fim de sobresair ás que, apesar do rame-ram, deram tanta celebridade a Guadalajara e Novo-Baztan;

Que se explorariam em grande escala os riquissimos jazigos de oiro e prata que abundavam no termo de Tomillar, segundo as observações que fizera o proprio visconde, mui entendido em mineralogia, como provavam os descobrimentos d'aquelles preciosos metaes que n'outro tempo havia feito, tão sómente por divertir-se, na Serra Almagrera e em Hiendelaencina;

Que se edificaria por conta das obras publicas um bom templo para a freguezia de Tomillar;

Que o proprio visconde mandaria construir um sumptuoso palacio de estio nas immediações de Tomillar, para cujo effeito, e para cercar o palacio de magnificos jardins, abundantes vinhedos e boa tapada, compraria aos tomilharenses, pelo preço que quizessem, os terrenos quasi baldios que alli possuissem:

E por fim — e este beneficio era o que mais alegrava e satisfazia os tomilharenses — que se annexaria a Tomillar a tapada que, havia seculos, se litigava entre os habitantes d'esta povoação e os de Retamar, ajustando contas uns e outros duas vezes por anno, isto é, quando os de Tomillar iam á festa de Retamar, e quando os de Retamar iam á festa de Tomillar.

Eram estes os beneficios que promettia em publico o sr. visconde de Sete Castellos aos habitantes de Tomillar. Entre os infinitos que promettia em particular, só citâmos dois: o sr. visconde, querendo recompensar o zêlo com que a tia Margarida e Gomisindo o serviam e obsequiavam, decidíra nomear a tia Margarida governante do seu novo palacio de Tomillar, e Gomisindo administrador das suas novas possesões.

É inutil observar que o sr. visconde, muito grato aos obsequios de que era objecto por parte dos tomilharenses, pozera á disposição d'estes o seu palacio da rua do Embaixador, em Madrid, onde, sempre que fossem á côrte, seriam tratados com a opulencia de principes, ainda que isto fizesse estalar de inveja todos os que não podiam ver com bons olhos o engrandecimento de Tomillar e a prosperidade dos tomilharenses.

Veja-se, portanto, se havia ou não razão para estarem alegres e satisfeitos.

Vendo o sr. visconde que os villões de seus criados não appareciam em Tomillar, determinou sair d'aquella hospitaleira povoação, com tanta maior urgencia quanto á sua partida da capital, dissera-lhe a rainha que estava muito descontente do governo e pensava encarregal-o da formação de outro.

O sr. visconde sentia desgosto de nem sequer poder enviar uma carta a casa, a fim de que lhe mandassem carruagem e quanto necessitava para fazer a viagem com a commodidade e a decencia que eram devidas á sua alta jerarchia, porque a sra. viscondessa entrára no estado interessante, e, se chegasse a suspeitar só que o amado esposo padecia taes necessidades e dissabores, affligir-se-hia de modo que, antes de vinte e quatro horas, teria alguma enfermidade gravissima.

Quando os tomilharenses receberam a triste nova de que o sr. visconde estava decidido a ausentar-se, nomearam uma deputação, que, dirigindo-se ao illustre e generoso hospede, supplicasse a este reverentemente que honrasse por mais algum tempo a povoação com a sua presença.

A deputação cumpriu fielmente o encargo, mas o sr. visconde de Sete Castellos insistiu na sua resolução, e quando o povo soube que decididamente se partia o seu protector, desatou a chorar a bom chorar!

Chegou, por fim, o instante supremo, isto é, o da partida do visconde, e este, como os villões dos criados o tinham abandonado, e estava portanto sem dinheiro para pagar á tia Margarida e gratificar nobremente Gomisindo, quiz deixar em penhor um singelo annel de oiro, que, segundo o proprio senhor de Sete Castellos confessou, valia muito dinheiro, pois era uma lembrança affectuosa de sua magestade a rainha; mas a tia Margarida e Gomisindo, mostrando sincero pezar, declararam que o sr. visconde os offenderia pensando que elles eram capazes de desconfiar de s. exc.: e como o visconde lhes pedisse perdão por ter offendido a sua delicadeza, disseram-lhe então que unicamente provaria s. exc. arrependimento se acceitasse para o caminho uma peça de oiro que tinham conseguido até alli economisar.

O sr. visconde queria desculpar-se para não acceitar este novo testimunho de benevolencia, mas viu-se obrigado a acceitar a peça de oiro para o caminho.

O povo, não menos previdente e delicado em geral que a tia Margarida em particular, pensou que o sr. visconde se encontrava falto de recursos por causa da velhacaria dos seus criados, e deliberou offerecer-lhe do modo mais engenhoso e delicado uma quantia decorosa, que consistia em vinte peças como vinte

soes, e que o sr. visconde não teve outro remedio senão acceitar, e agradecer vivamente commovido.

A povoação inteira desejava acompanhar o sr. visconde até Retamar; mas o sr. visconde, tão modesto quão generoso, oppoz-se obstinadamente a isso, consentindo apenas que o acompanhassem até ao termo da jurisdicção de Tomillar.

— Visto que acompanhâmos o sr. visconde em tão curta distancia, disseram os tomilharenses, acompanhemol-o como é devido.

E, procurando o melhor carro que havia na povoação, em um abrir e fechar de olhos enfeitaram-no com pittoresco toldo, deitaram-lhe fofos colxões e almofadas, ornaram-n'o com flores, e fizeram subir para elle o sr. visconde.

Assim que s. exc. tomou o logar principal, disse quasi chorando de commoção:

— Quando quizerem, meus senhores, podem metter nos varaes os bois ou as muares.

— Ora, sr. visconde! os bois e as muares somos nós todos! — exclamaram os habitantes de Tomillar ao mesmo tempo.

E o carro saiu da povoação tirado pelos tomilharenses; e os vivas, os soluços e os adeuses que tinham partido de todos os lados, só acabaram quando os habitantes de Tomillar perderam de vista o sr. visconde de Sete Castellos.

IV

Tinham decorrido oito dias desde o memoravel em que o sr. visconde de Sete Castellos saíra de Tomillar, deixando no abysmo da saudade os habitantes d'aquella povoação, e ainda se não sabia se o exc. visconde chegára felizmente a Madrid, porque s. exc. não escrevêra, apesar de tel-o promettido, e isto conservava em terrivel anciedade os tomilharenses, pois se o sr. visconde não tinha escripto era signal de que estava doente, ou que no caminho lhe succedêra alguma desgraça.

O sr. regedor julgou que era chegado o caso de convocar conselho para discutir em primeiro logar o meio de saber do sr. visconde; e em segundo logar, de dar-lhe a conhecer quanto se interessava o povo tomilharense pela preciosa saude de s. exc.

Soou a trombeta com a qual era de uso e costume convocar o conselho, e todos os habitantes affluiram á sala da reunião.

Depois de longa e acalorada discussão, em que mais de um orador — é forçoso confessal-o! — sacrificou ao immoderado orgulho de ostentar galas oratorias o sagrado interesse da patria, vivamente empenhada em decidir com urgencia tão arduo assumpto; depois de longa e acalorada discussão, repetimos, resolveu-se que o sr. regedor, o escrivão da regedoria e o mestre da eschola fossem, como representantes do povo tomilharense, ao palacio do sr. visconde de Sete Castellos, em Madrid, a fim de comprimental-o, e saber se s. exc. gozava de saude perfeita.

— Pantaleão, disse a tia Margarida quando soube a deliberação do conselho dos varões, eu tambem desejo ver aquelle abençoado senhor.

— Tiburcio, accrescentou Gomisindo, tambem eu vou com vossemecês, minha mãe, porque não lhe dê na cabeça ao regedor ir com zumbaias ao sr. visconde para que o faça a elle administrador.

A tia Margarida improvisou um par de duzias de certos bolos que eram muito do gosto do sr. visconde, penteou com esmero a sua grisalha cabelleira, vestiu a sáia domingueira, atou á cabeça um lenço de algodão de soffrivel tamanho, collocou em um cesto de aza os bolos, e, com o desembaraço da mocidade, ella e seu filho, que tambem trajava com a elegancia devida a um administrador em perspectiva, foram-se reunir com os representantes do povo tomilharense.

O sr. regedor vestíra-se tambem com o trajo de festa, pondo a capa de panno fino; e o mestre de meninos, embora como homem de letras carecesse de capa, pozera gravata apertada como a sua situação pecuniaria, calção curto como o seu ordenado, meias de lã negras como o seu futuro, e as mãos nas algibeiras vasias.

Em quanto ao escrivão, escusado é descrever-lhe o trajo, por ser aqui personagem muito secundario.

Ao deixarem atraz as ultimas casas de Retamar, reuniu-se-lhes o rapaz, a quem vimos fallar com o sr. visconde n'aquelle mesmo sitio. Ia d'esta feita com o jumento á fonte, d'onde tambem vinha da outra vez.

— Que novidades ha em Retamar, rapaz? — perguntou-lhe o sr. regedor.

— A maior, a unica, é a de que nos divertimos de grande com as comedias.

— Pois tem agora comedias em Retamar?

— E muito boas. Hontem á noite tornaram a representar uma que se intitula *O Barão*, e gostei mais d'ella que da outra vez. Não a viram vossemecês nunca?

— Não.

— Eu lhes direi como é.

E o rapaz contou aos tomilharenses o argumento da comedia de Moratin.

O mestre de meninos ficou pensativo.

Gomisindo queria dizer alguma coisa, e só se atreveu a murmurar:

— Ai, que lance...

— Cala-te, rapaz! — interrompeu o mestre, lançando-lhe olhar basilisco, e o rapaz fechou a boca.

O retamarense parou na fonte, e os representantes do povo tomilharense, caminha, caminha, caminha, seguiram sem parar até á capital.

Entraram ao anoitecer pela porta de Alcalá, montados em ruins jumentos, como elles costumavam viajar.

Para se apresentarem ao sr. visconde de Sete Castellos com a devida decencia, os cinco lavaram a cara na fonte de Cibelles, onde beberam em companhia dos cinco jumentos.

Depois de deixarem as cavalgaduras na estalagem de Barcellona, continuaram para a porta do Sol.

Ao avistarem esta, o sr. regedor começou de repente a gritar:

— Fogo! fogo! que se queima essa casinha!

E lançando para um *kiosko luminoso*, que era a casinha que no seu conceito se queimava, lançou a capa ao incendio para o suffocar.

O guarda do *kiosko*, julgando que o provinciano tinha vontade de apupada, repelliu com o pé a capa do sr. regedor, e a multidão apupou esta respeitavel auctoridade.

Quando o alcaide saiu do seu erro e de entre os pés do guarda do *kiosko*, o mestre, que era instruido como empregado de instrucção publica, prorompeu n'esta sentença, digna de inscrever-se nos vidros dos *kioskos* luminosos para a necessaria clareza.

— «Toda a auctoridade que confundir a luz com o fogo expor-se-ha á pateada popular.»

Ao chegar á rua Maior, o mestre perguntou a um rapaz:

— Dize-me, ó rapaz, onde mora o sr. visconde de Sete Castellos?

O rapaz respondeu com voz clara:

— Mora na rua do...

— Do?...

— Do Embaixador...

— É verdade, é verdade, responderam os provincianos, incluindo o mestre, lembrando-se de que, com

effeito, o visconde lhes dissera habitar no seu palacio da rua do Embaixador.

Voltando á esquerda, entraram na Praça Maior; mas o que alli se passou merece novo capitulo.

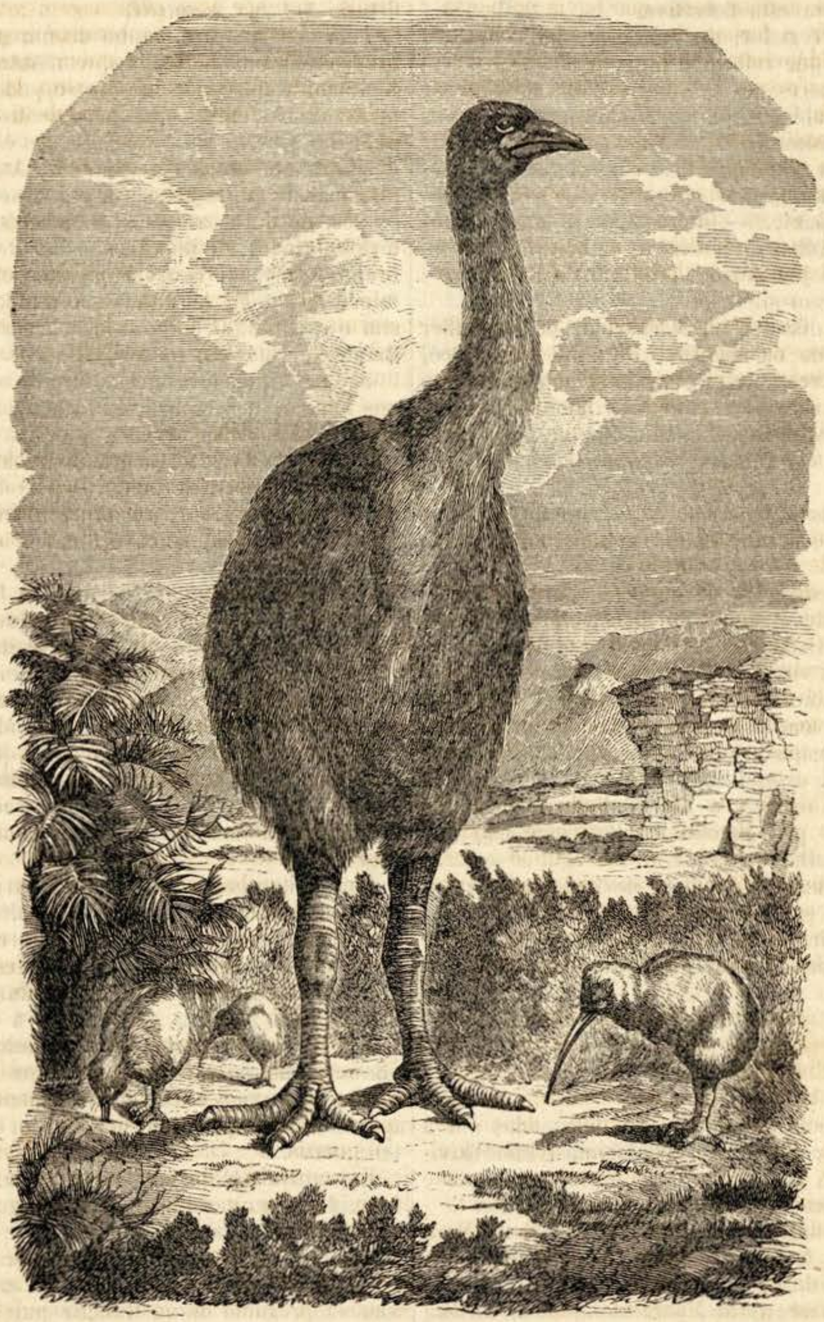
V

O *tuti-li-mundi* alvoroçava o numeroso concurso de soldados, rapazes, raparigas, vadios, aldeãos e tolos de Coria, que occupavam meia praça.

— *Rataplan, rataplan!* — rufava um tambor, e o homem que o tocava gritou:

— Quem quer ver por dez réis a *Vida do mau homem! Rataplan, rataplan, ram!* Vou começar! Vou começar!... Vamos, meus senhores, mulheres e homens; vamos, que se aprende aqui muito.

— Minha mãe, disse Gomisindo, vou ver isto, que os administradores carecemos de saber muito para que não nos embacem.



Kivi-kivi e moa

— O saber, accrescentou sentenciosamente o mestre, não occupa logar. Todos, todos vamos ver isso, e serás tu, regedor, o primeiro de nós.

Os cinco tomilharenses applicaram os olhos a outras tantas lentes, em quanto o homem do *tuti-li-mundi* explicava a *Vida do mau homem* nos termos seguintes:

«Joga o peão com os gaiatos em vez de ir á eschola;

«Bate na mãe, prendem-n'o por tão feia acção;

«Assenta praça n'um regimento, e deserta roubando a nação;

«A policia captura-o novamente, e os tribunaes mandam-n'o para o degredo;

«Cumpre a sentença, dá novo talhe á barba e põe oculos de vez em quando;

«Traja de cavalheiro sem occupação, e frequenta as casas de jogo;

«Favorece-o a fortuna, e joga nos fundos publicos;

«Adopta nas transacções o uso de receber se ganha, e não pagar se perde;

«Mulheres, jogo, cavallos, deixam-n'o sem um real;

«Mette-se a mineiro, e, enganando os socios, ganha bom dinheiro;

«Perde novamente tudo que tem ganho;

«Falsifica um papel, e descobre-se o ardil;

«Procura-o um beleguim, e evade-se da capital;
«Não tem dinheiro, rouba e mata um arrieiro;
«Chega não sei onde, e inculca-se visconde;
«Acreditam-n'o uns aldeãos, e surripia-lhes os haveres;
«A policia dá com elle na aldeia, e mette-o na cadeia;
«E, a final, o mau homem paga por junto os seus crimes. A lei é inexoravel.»

Os tomilharenses ficaram pensativos e silenciosos depois de ouvirem esta narrativa.

— Dize-me, ó regedor, perguntou por fim o mestre, que te parece o que referiu o homem do tambor?

— Homem, queres que te falle verdade, deviam ser muito parvos os aldeãos que se deixaram embaçar por similhante embusteiro.

— E o homem disse que tambem era visconde, accrescentou Gomisindo.

— Cala-te, rapaz!... — interrompeu o mestre lançando-lhe outro olhar de basilisco, embora não tão ferino como o que lhe lançára proximo de Retamar.

Todos guardaram silencio.

— Pantaleão, disse a tia Margarida, hei de saber se isso é verdade ou mentira. Diga-me vossemecê, bom homem, accrescentou dirigindo-se ao pelotiqueiro do tambor: é exacta a vida do mau homem?

— Pergunte-o vossemecê áquelle que os soldados levam alli preso. Deve sabel-o, respondeu o charlatão do *tuti-li-mundi*.

Os tomilharenses lançaram um grito de sopresa, indignação e dor, e sabe Deus que mais, ao reconhecerem o preso.

— Senhor visconde! — exclamaram em côro.

— Qual visconde, nem qual demonio! — lhes respondeu um dos soldados. Visconde! Condemnado ás galés por toda a vida!

— D'onde o trouxeram vossemecês?

— De uma povoação da Alcarria, onde, havia perto de oito dias, enganava aquelles parvos, pobres camponios, coitados! dizendo-lhes que era visconde, e ia transformar em paraiso a aldeia d'elles, coisa que acreditavam aos pés juntos aquelles animaes, que deviam comer palha e cevada.

— Sim, senhor; sim, senhor; deviamos comer palha e cevada! — exclamaram ao mesmo tempo os tomilharenses, e dirigiram-se tristemente a repoisar com os dignos companheiros que os esperavam na estalagem.

B. A.

KIVI-KIVI E MOA

Com estes nomes vulgares são designadas em a Nova Zelandia duas aves singularissimas, uma (kivi-kivi) existente, a outra (moa) raça extincta e sómente conhecida pela tradição e por esqueletos fosseis.

Os kivi-kivis habitam nas matas virgens da Nova Zelandia. Sendo levada a Londres pelo capitão Barcley, em 1812, uma pelle d'esta ave, viram-se os naturalistas muito embaraçados para a classificarem. Era a primeira que apparecia na Europa. Parece que a reputaram como uma especie comprehendida na ordem dos *inertes* (casoares, abestruzes, drontes).

Mr. Lesson, que observou na Nova Zelandia, não uma d'estas aves, mas simplesmente a pelle, descreveu-a com o nome de *Dromiceius Novæ Zelandiæ*, e como pertencendo ao genero casoar.

O doutor Shaw denominou-a *Apteryx australis*, e trouxe para Londres um individuo d'esta especie, o qual passou, depois da morte d'este naturalista, a ser propriedade de lord Stanley. Succedeu isto pelos annos de 1830. Este fidalgo enviou depois o kivi-kivi á sociedade zoologica de Londres, tão sómente para que os homens da sciencia o analysassem. E, com effeito, mr. Yarrel, membro d'esta sociedade, publicou uma interessante memoria sobre a dita ave. Porém, não obstante estes estudos, talvez por não serem observados os orgãos internos, ficou indeterminada a posição que ella deve occupar na serie ornithologica.

Desde a ultima data que citámos tem vindo para os museus da Europa varios kivi-kivis embalsamados, porém apenas um veiu vivo, que nos conste, correndo o anno de 1852, para o jardim zoologico de Londres, onde se conserva ao presente, com o nome scientifico de *Apteryx mantelli*.

Tem esta ave o tamanho de um ganso, com a côr branca em uns individuos, e n'outros parda escura. Não tem cauda, e o mesmo se póde dizer das azas, pois são tão curtas que não se distinguem á vista, nem lhe servem para voar. O bico é muito comprido, e similhante ao das gallinholas. As pernas são curtas, mas de muita grossura, e guarnecidas, bem como os pés, de duras escamas. Os pés compõem-se de tres dedos, orlados, de uma parte sómente, com uma membrana recortada, egual á que une os dedos nos palmipedes (patos). As unhas são agudas e fortes, e assim o esporão. O corpo está coberto de pennas similhantes a cabellos, mas rijas.

São nocturnas estas aves. Durante o dia escondem-se nos buracos das rochas, ou nas cavidades dos troncos ou das raizes das arvores annosas. E é este escondrijo que preferem, procurando os logares assombrados de mais basto arvoredo. Depois de anoitecer saem ao pasto, buscando para alimento insectos, larvas, e varios bichos pequenos, e tambem algumas variedades de sementes.

Vivem e divagam acasalados. A femea põe só um ovo de cada postura, ao qual cobre alternadamente com o macho. Este differença-se da femea por ser maior e ter o bico mais comprido.

Dissemos que as azas, por mui curtas, são inuteis para voar; mas servem-lhes de grande auxilio na carreira e nos saltos; e por tal modo que, sem embargo do muito peso do corpo, permittem-lhes saltar com ligeireza acima das rochas e dos troncos das arvores, e correr com incrivel velocidade quando se vêem perseguidas.

Os habitantes da Nova Zelandia gostam muito da carne d'estas aves, que dizem ser delicadissimo manjar. Tambem fazem uso das pelles com a plumagem como ornato. São, pois, bastantes estes dois incentivos para lhes moverem desapiedada guerra. E tão incessante foi outr'ora, que, sendo a ilha antigamente muito povoada d'estas aves, segundo a tradição, hoje vão-se tornando raras, a ponto que alguns naturalistas que visitaram a ilha modernamente, e que debalde as procuraram, julgaram que tinham desapparecido inteiramente.

Existem ainda, e não em pequena quantidade, mas foragidas e acoitadas contra a perseguição dos homens nas montanhas mais inaccessiveis, e onde as florestas são mais espessas e emmaranhadas.

São precisos para a caça d'estas aves cães bem corredores; e ainda assim difficilmente se apanham pela aspereza e escabrosidade das serras a que se acolhem. Os indigenas vencem ordinariamente estas difficuldades por meio de um estratagema. Vão ás caçadas de noite, e com o menor bulicio possivel. Escondem-se atraz de algum penedo ou moita nos logares que já sabem por experiencia serem os mais frequentados pelos kivi-kivis quando andam ao pasto. N'esta posição esperam que appareça alguma d'estas aves, e logo que a imprudente se aproxima, apresentam-lhe de improviso uma luz, que até alli conservaram occulta, e, aproveitando o desvairamento e quasi cegueira que o subito clarão lhe causa, offuscando-lhe a vista, facilmente a agarram com a mão, ou conseguem atordoal-a com um pau.

Se as pobresinhas pastam n'outra direcção, e não se resolvem a caminhar para o lado em que estão escondidos os caçadores, estes então imitam-lhes o grito, e com tal perfeição, que não tardam a cair na cilada, attrahidas pela falsa voz.

A singularidade e raridade d'esta ave, a qual não existe ou não se sabe que exista em alguma outra região do globo, tem feito com que os museus da Europa deligenceiem adquiril-a, resultando d'isto ter subido muito o seu preço.

A outra ave gigantesca que se vê figurada em a nossa gravura, representa uma especie extincta do mesmo genero *Apteryx*, tambem indigena da Nova Zelandia, e, como a primeira, desconhecida no resto do mundo. A tradição, authenticada com a descoberta de ossos e esqueletos completos, e até de alguns ovos monstruosos, tem dado noticia positiva ácerca d'esta ave, que os naturaes do paiz chamam *moa*.

Refere a tradição, passada vocalmente de paes a filhos, e tambem em poesias populares, que quando os maoris, primeiros descobridores e povoadores da Nova Zelandia, aportaram n'esta ilha, era prodigioso o numero de moas que n'ella viviam. Ao principio viram-se os maoris obrigados a combater com estes verdadeiros senhores da ilha, que se oppunham, ao que parece, ou, pelo menos, embaraçavam o estabelecimento dos invasores.

Diz a mesma tradição que houve luctas encarniçadas, pois que o inimigo era poderoso pela sua força e fórmas descommunaes, e, ainda mais, pelo numero. Depois, quando a superioridade do homem se achava assegurada por continuadas victorias, e o inimigo, já muito enfranquecido, afugentado para as montanhas mais fragosas, continuou a guerra sem descanço, porém por diversa causa. Os maoris já não se temiam das aves, mas precisavam d'ellas para o seu sustento, por quanto não creava aquella ilha especie alguma de quadrupedes, a não ser alguns ratinhos.

Além d'isto, a moa offerecia-lhes variadas vantagens. Serviam-se da carne e dos ovos como de um alimento saudavel, e muito do seu gôsto. Ornavam com as pennas as armas e o corpo. Faziam dos craneos bocetas para guardar os pós com que se pintavam. Fabricavam dos ossos anzoes e outros utensilios. E até davam aos ovos um emprego religioso, collocando-os nas sepulturas dos mortos, como farnel para a longa viagem que estes faziam através dos infernos.

D'est'arte exterminaram, sem querer, as aves de que tinham tanta precisão.

Dizem que celebravam as caçadas, quando eram abundantes, com festas que terminavam por um banquete nos proprios logares da caçada, ou nas suas visinhanças.

Os actuaes habitantes da ilha, descendentes dos maoris, mostram como prova da verdade da tradição varias collinas cobertas de esqueletos e ossos dispersos de moas; e grande quantidade de outros por elles achados nas alluviões do rio Retorna, nos pantanos e nas praias do mar.

As investigações feitas modernamente n'estas ossadas pelos naturalistas que tem visitado a Nova Zelandia, tem demonstrado que taes ossos pertencem a quatro especies do mesmo genero, mas de differente tamanho. A maior deram o nome scientifico de *dinormis;* á segunda na grandeza das proporções *palapteryx;* á terceira *aptornis;* e á mais pequena *nothornis*.

O esqueleto da primeira, *dinormis*, tem de altura média quatro metros. Como succede a todas as aves do genero *abestruz*, as moas não podiam voar. As suas azas, quasi imperceptiveis, sómente lhes serviam de auxilio na carreira. Em contrario do que se vê em todas as mais aves, as moas tinham os femurs e as tibias cheias de tutano em logar de ar. Um ovo, encontrado ha pouco dentro da sepultura de um chefe maori, tinha doze pollegadas de comprimento, nove de diametro, e vinte e sete de circunferencia.

Fazendo-se uma excavação em uma propriedade do sr. Tysse, em Kaikoros, para a abertura de alicerces, descobriu-se uma sepultura, contendo o esqueleto de um maori. Achava-se o esqueleto sentado, e com uma das mãos segurava uma caixa, dentro da qual se conservava um ovo de moa, tambem com doze pollegadas de comprimento, mas de diametro apenas cinco.

Estas descobertas tem dado assumpto para largas controversias entre os homens da sciencia, tanto pelo que diz respeito á descripção e classificação d'esta ave maravilhosa, como tambem em relação á epocha em que se extinguiu.

Os esqueletos da moa *dinormis ingens*, que tem vindo para alguns museus da Europa, dão perfeito conhecimento da estructura externa d'esta ave. Porém, quanto á sua organisação interior, apenas se podem formar juizos por inducção, attendendo ás suas fórmas exteriores, e á similhança d'estas com as dos kivi-kivis *(apteryx mantelli)*, ainda existentes.

Está plenamente comprovado que os ossos das moas disseminados na Nova Zelandia não são fosseis antediluvianos. O perfeito estado de conservação em que todos se acham, uns na superficie da terra, expostos á acção do tempo, outros enterrados a pouca profundidade de envolta com ossos de aves existentes, demostram que a extincção das moas não é um facto de remota antiguidade. Alguns naturalistas julgam até que estas razões auctorisam a supposição de que não esteja muito afastado de nós o periodo de que a Nova Zelandia era habitada por aquellas aves. Outros ha que não acreditam na completa extincção d'ellas, adduzindo, entre outros argumentos a favor d'esta opinião, o estado de conservação dos ovos que se tem encontrado. Presumem, pois, que a especie esteja muito reduzida, mas não extincta; e que a perseguição sem trégoas que lhes fizeram os homens fosse causa de que as suas reliquias buscassem refugio em alguns logares ainda não devassados pelos naturaes ou pelos viajantes.

A nossa gravura, representando os kivi-kivis e a gigantesca moa *(dinormis ingens)*, é cópia de outra do jornal *Le Tour du Monde*, do qual tambem colhêmos uma parte das noticias que publicâmos.

Sobre esta materia tem escripto ultimamente algumas memorias varios naturalistas. Tompson, na sua *Historia da Nova Zelandia*, tambem lhe dedica algumas paginas. I. de Vilhena Barbosa.

LIBERDADES DE PORTUGAL NO SECULO XV

Portugal é uma leira de terra tão estreita, que muita gente ha por essa Europa que nem sequer a distingue no mappa da peninsula, parecendo-lhe tudo Hespanha. Pois assim pequenino como é, já houve tempo em que cresceu tanto em gloria e poder, que encheu o mundo com o seu nome.

Immerecidos infortunios o precipitaram d'essas alturas até quasi o arremessarem no sepulchro das nações. Por longa serie de annos só os reflexos do passado lhe vinham alegrar o presente, e derramar no futuro frouxa luz de esperança.

Cançou-se a sorte de lhe ser adversa. Hoje sorri-lhe fagueira, e lá o vae guiando, embora por caminho escorregadio e cheio de abrolhos, ao gremio das nações civilisadas. Mas nem por isso nos devem deixar de ser gratas as recordações d'esses tempos em que caminhavamos á frente da civilisação. O que vamos referir revela os progressos moraes do povo portuguez em uma epocha bem antiga.

Nas cortes celebradas em Lisboa no anno de 1498 para se resolver ácerca da ida del-rei D. Manuel e da rainha D. Isabel a Castella, a fim de ahi serem jurados principes herdeiros d'aquelles reinos, trataram-se varios outros assumptos depois de resolvida a questão principal.

Os tres estados aproveitaram a occasião para requererem á corôa algumas concessões, entre outras a abolição das sizas e da maior parte das coutadas, dizendo a respeito d'estas: *Que ho povo recebe muito dano por nos regnos haver muitas coutadas, e officiaes dellas, polo que reservando algumas pera desporto d'elrei, lhe pedem descoute has outras, ficando guardadas as coutadas das pessoas particulares.*

Recusou el-rei acceder ao primeiro pedido, allegando muitas razões de utilidade publica. Ao segundo satisfez na fórma requerida.

Tambem as cortes representaram contra o uso dos facultativos receitarem em latim, pedindo que fossem prohibidos de o fazerem, ao que el-rei deferiu, impondo multas e perda do officio, tanto aos facultativos que contraviessem as novas determinações, como aos boticarios que aviassem taes receitas.

O mais singular, porém, de todos os requerimentos que estas cortes dirigiram ao soberano foi para que diminuisse o numero dos seus criados. O pedido era concebido n'estes termos: *Que não trouxesse tantos officiaes e moradores, e os quizesse reduzir a menor conto.*

El-rei respondeu: *Hos mais dos nossos moradores forão criados delrei meu senhor e primo, hos quaes não podemos deixar de agasalhar, porque sería crueza fazermos ho contrario; hos outros são de nossa casa, com outros que nos recreceram, de que nos não podemos excusar: mas posto que nosso desejo seja fazer a todos merce, por disso levarmos grande gosto, comtudo daqui por diante folgaremos de continuar na melhor maneira que podermos.*

O requerimento mostra o modo por que o povo velava pelos seus interesses e direitos, e a liberdade com que então se fallava ao soberano. A resposta d'este tambem dá testimunho da benevolencia do nosso governo, e da consideração em que o povo era tido pelo monarcha em uma epocha em que os populares eram tratados em quasi toda a Europa mais como escravos que como homens livres.

Cremos que em nenhuma outra monarchia d'esse tempo ousaria alguem, só ou em corporação, requerer ao rei a reforma da sua casa, a diminuição da sua familia. Mas o que sem duvida se póde affirmar é que fóra de Portugal nenhum soberano toleraria similhante ingerencia nos seus negocios domesticos, ou, pelo menos, nenhum se escusaria mais urbanamente, nem de uma maneira mais propria para consignar aquella ingerencia como um direito popular.

Entretanto, para se avaliar o procedimento das cortes é necessario saber as razões que lhe serviram de fundamento. Fal-as-hemos conhecer, dando uma noticia das pessoas de que se compunha a familia delrei D. Manuel, ou que recebiam do seu patrimonio, no começo do anno de 1518, e da rainha D. Maria, sua segunda mulher, ao tempo do seu fallecimento.

Cavalleiros do conselho 369. N'este numero entravam todos os officiaes-móres e menores, bem como os camaristas, aios, e guarda-roupas do principe e infantes. Escudeiros fidalgos 109; moços fidalgos 200; outros moços 8; escudeiros 43; moços da camara 138; capellães 33; medicos e cirurgiões 6.

A rainha D. Maria tinha 12 capellães e 16 moços de capella; 27 damas, incluindo a camareira; 7 moças da camara; 11 criadas de outras denominações; 25 officiaes-móres e menores; 3 reposteiros da camara; 8 homens da camara; 43 moços da camara; 6 porteiros; 15 reposteiros; 13 moços da estribeira; 7 officiaes mecanicos (ourives, alfaiates, sapateiros, etc.); 9 officiaes da cozinha (cozinheiro-mór e menores, porteiros etc.)

Em tempo de D. João III ainda cresceu muito o numero dos familiares e empregados do paço, pois que só a capella d'este monarcha era servida por 148 capellães e 123 moços. A casa de seu irmão, o infante D. Luiz, constava de 36 capellães; 11 moços da capella; 27 fidalgos cavalleiros; 12 fidalgos escudeiros; 22 moços fidalgos; 22 cavalleiros fidalgos; 80 cavalleiros; 32 escudeiros fidalgos; 46 escudeiros; 7 medicos e cirurgiões; 1 monteiro a cavallo; 203 moços da camara; 8 porteiros da camara; 26 reposteiros; 8 trombetas; 9 moços do monte; 36 moços da estribeira; 5 cozinheiros; 2 moços da copa; 1 moço da fazenda; 1 official do thesoiro; 6 homens da mantieiria; 2 do armador-mór; 2 do guarda reposte; 6 varredores; 5 moços da caça; 2 armeiros; 1 regueifeira; 1 lavandeira; 1 varredeira: ao todo 632. Os officiaes-móres e menores vão incluidos nos cavalleiros e escudeiros.

As casas dos infantes D. Duarte e D. Fernando, tambem irmãos del-rei D. João III, compunham-se, a primeira de 191 pessoas, e a segunda de 206.

Todavia, por mais avultadas que pareçam estas sommas, é certo que ficam ainda muito áquem da totalidade dos criados del-rei D. João V. O auctor da *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tratando da jornada d'aquelle soberano á fronteira da provincia do Alemtejo, por occasião do encontro das duas familias reaes de Hespanha e de Portugal, quando se fez a troca da infanta portugueza, D. Maria Barbara, que foi ser princeza das Asturias, com a infanta de Castella, D. Marianna Victoria, que veiu ser princeza do Brasil, cuja troca e visitas reaes se effeituaram em um sumptuoso pavilhão fabricado expressamente para esse fim sobre o rio Caya, diz o seguinte, o referido auctor: «Todos os coches e berlindas da casa real eram tirados por frisões. Seguiam-se cento e trinta seges da familia da casa real, que haviam ido servindo em diversas occupações n'esta jornada; sendo tão numerosa, que basta dizer que na cavallariça havia mais de novecentos e sessenta criados, sómente pertencentes á ella, que mantia mais de mil e seiscentas e quarenta bestas. E não fallando nos criados de fôro nobre, senão de reposteiros, moços da prata, e outros similhantes, passavam de seiscentos e setenta, deixando á parte os officiaes menores da casa real, e outros similhantes, quarenta e tantos moços da camara, medicos, cirurgiões, clerigos, criados particulares, e outras muitas pessoas do serviço nobre da casa real, porque não é nossa tenção entrar a descrever a magnificencia, riqueza e profusão d'este ditoso dia, mas sómente dar idéa do que foi aquella jornada, para satisfazer aos curiosos.»

Quem visitar o palacio real das Vendas-Novas, feito expressamente para n'elle pernoitarem el-rei D. João V e a familia real por occasião d'aquella jornada, ficará, de certo, absorto contemplando a grandeza d'aquelle edificio construido só para dar agasalho aos reaes viajantes durante duas noites, uma na ida, e outra na volta. Ha de custar-lhe a comprehender que fossem necessarios aposentos tão vastos, tão grandes salas, tanta infinidade de quartos, que mais parecem dormitorios de um convento, cozinhas de tal capacidade, que bem á vontade se podia fazer n'ellas o jantar para um numeroso exercito, e cavallariças, onde hoje se podia accommodar com largueza toda a nossa cavallaria. Porém, quando se lê na citada obra a relação authentica das pessoas que acompanharam el-rei, tanto da sua familia, como da corte, além de quinhentos soldados de cavallaria, que formavam a guarda de honra, acha-se então a explicação do enigma.

I. DE VILHENA BARBOSA.